

Revista anti-moderna, anti-liberal,  
anti-democrática, anti-bol-  
chevista e anti-bur-  
guesa

# ORDEM NOVA

Contra-  
-revolucionária;  
reaccionária; católica;  
apostólica e romana; monár-  
-quica; intolerante e intransi-  
-gente; insolidária com escritores,  
jornalistas e quaisquer profissionais  
das letras, das artes e da imprensa

---

**ANO 1.º**

**MAIO**

**NÚM. 3**

**LISBOA**

**1 9 2 6**

# ORDEM NOVA

REVISTA MENSAL

Redactores fundadores :

*Albano Pereira Dias de Magalhães*

*Marcello Caetano*

Secretário e editor: *J. Fernandes Júnior*

REDACÇÃO: *Rua do Norte, 57 — COIMBRA*

ADMINISTRAÇÃO: *Largo do Directório, 8, 3.º — LISBOA*

Composição e impressão: Imprensa Beleza—R. da Rosa, 99, al07—LISBO

Propriedade de *José Fernandes Júnior*

---

## SUMÁRIO

- Contra o romantismo ..... António Gonçalves Rodrigues  
Real! Real! por D... Rei de Portugal N.  
O pecado da Democracia ..... Domingos de Gusmão Araújo  
Pensamentos, palavras & Obras:— Onorate l'altissimo poeta «Verbo  
ser e verbo amar», por António Correia d'Oliveira;— «Ana a Ka-  
lunga», (em nossa linguagem «Os filhos do Mar», por Hipólito  
Raposo), Marcello Caetano;— A dítadura;— A nova geração;—  
Instituto de António Sardinha;— Quinze centavos para o Marquês;  
— Nós e o humanista criticável.



## Contra o romantismo

Logo no primeiro número, agressivo e sincero na sua intransigência, «Ordem Nova» marcava pela pena de um dos seus redactores, a sua posição nitidamente adversa ao Romantismo Francês. Ao Romantismo Francês e a todos os romantismos seus neurasténicos herdeiros, salvando-se o primeiro período do romantismo português, porque êste, educado mais pelos alemães do que pelos franceses, foi uma escola que analfabetos do regime rancorosamente apelidariam de «reaccionário» pelo seu vigoroso e sadio tradicionalismo.

O outro, fecundo em documentos de patologia sentimental, só no segundo período foi macaqueado dos nossos sempre prestáveis fornecedores de Paris, e vale pelo saboroso tema de observação que soube ser para o monóculo de Eça, implacável fustigador do caricato...

Declarando guerra ao Romantismo, «Ordem-Nova» integra-se dentro da ordem humana com inteligência e dignidade.

\*  
\*   \*  
\*

Pierre Lasserre, descobridor subtil de perversões e lidador ardoroso da hygiene moral ensinada pelos séculos, tem uma frase de clara e decisiva condenação para o romantismo: «*Tout eclaircissement de l'intellect est stéril, qui n'accompagne pas un assainissement de la sensibilité*».

Em tam poucas palavras se condensa o êrro de definição em que os românticos caíram e que dominou com os

---

seus daninhos efeitos mais de cem anos tristemente subjugados pela cinza desolante do «tédio de viver»!

Todo o século XIX viveu sob o império dum deslocamento moral, duma quebra de domínios psíquicos, duma lesão interior. E êsse deslocamento, e essa quebra, e essa lesão, são de facto, definidas por estas quatro sílabas inocentes: romantismo. Exagêro?

Digamos desde já que a palavra, no sentido que lhe queremos dar está longe das definições dos manuais caquéticos de literatura. Para nós, ela exprime sobretudo, uma doentia manifestação de indisciplina moral, cujo significado transcende muito além, para o terreno dos grandes problemas humanos.

E' na verdade, uma palavra tal, que defini-la é definir de algum modo «certo» tipo humano, determinado segundo «certo» modo pessoal de pôr em equação o próprio problema da vida. «Classicismo» e «Romantismo» são atitudes morais, melhor ainda, estados de alma, conforme os quais se interpreta a vida com serenidade ou desespero, com submissão ou revolta. Existiram sempre lado a lado, diferenciados por uma posição íntima de faculdades: a posição dominadora ou subordinada da inteligência perante a sensibilidade. A sua luta eternamente renascida é a própria condição da existência. E segundo uma subjuga ou é subjugada numa época, assim temos uma moral, uma arte, uma política distintas, porque a sua acção é universal e abrange todas as modalidades do ser.

Razão e classicismo, instinto e romantismo, exprimem conceitos paralelos. Onde um está sempre o outro surge.

E' intuitivo que certos estados de infância física e moral ou de natureza afectiva são mais propensos a bem acolher a tara romântica. O homem primitivo, o selvagem, a criança e a mulher, por exemplo. Na própria adolescência do homem: mas aqui, natural é sair victoriosa a acção do tempo e da vida, trazendo pouco a pouco o predomínio humano do racional sobre o inconsciente. Nêste caso o instinto existe, mas vigiado pela razão e constantemente cor-

---

---

rigido. A sensibilidade afirma-se, mas educada já com sabedoria.

O mal surge quando passadas estas condições favoráveis aos impulsos da sensibilidade, estes continuam teimosamente a acompanhar o indivíduo pela vida adiante, desenvolvendo-se, portanto, fóra dos seus limites naturais. O que era próprio de existências infantis ou primitivas passa a notar-se também em seres que a natureza indicava já aptas para o exercício metódico das disciplinas superiores do espírito. O instinto continua a dominar, não obedece às debeis imposições da razão previdente; a sensibilidade dirige, em vez de ser dirigida.

Ora o romantismo é isto: esta inversão brutal da hierarquia que interiormente nos rege; esta queda total do indivíduo sob o poder tirânico das fôrças instintivas às quais passa a pedir o apoio que a expansão da sua vitalidade necessita. Por ser um estado anormal próprio do homem primitivo, selvagem, da criança e da mulher, o romantismo representa o regresso à barbarie, ao primitivismo, à infância mental; a feminização do masculino; o *non serviam* puro e simples que o anti-humano profere contra o humano.

O século XIX foi a era do romantismo universal. Antes dela houve apenas casos esporádicos, que Ernest Seillière aponta, no mundo romano e medieval, e naquilo que a Renascença teve de individualista e anti-cristão, expresso literariamente no «romance» e no pastoralismo.

E quanto já aí se encontrava enraizado das utopias do mundo irreal criada pela imaginação exaltada de Rousseau nos seus longos passeios de misantropo pelas margens do lago de Bienne! Mas, habituados — segundo o insigne crítico — ao rigor frio da vida, a olhar de frente as realidades como elas são, de saúde física robusta e formação mental inteiriça como um escudo, os homens do século XV puderam resistir às arremetidas do mal. Foi só com o século XVIII que a erupção violenta se deu, tomando de assalto tôdas as províncias da actividade humana. Jean Jacques, pondo o cérebro a arder na chama azul dum quimerismo absurdo, comprazendo-se em cavar um abismo de distân-

---

cia entre o ideal e o real, o sujeito e o objecto; Senancour cultivando na solidão o seu total abandono a uma sensibilidade mórbida e exigente; Chateaubriand, criando em René um testemunho impressionante da mais perigosa febre emocional; e Madame de Staël, fazendo em todos os seus escritos a apologia dos estados passionais eis, quatro dos primeiros exemplos em que o vírus romântico facilmente conseguiu guarida.

Acolhi-me logo desde o princípio à sólida autoridade crítica de Pierre Lasserre. Seja êle ainda quem me empreste duas definições apuradas após detida análise aos documentos literários (e sobretudo morais) em que as naturezas decadentes dum século tuberculizado, fielmente se retrata-ram. Quer tomemos o romantismo como a «desorganização entusiasta da natureza humana» quer como o «partido do individualismo absoluto no pensamento e no sentimento» o significado essencial destas duas sínteses é idêntico. Ambas traduzem abuso, falha, anormalidade. Ambas exprimem a extensão patológica da sua influência.

«Ruína psíquica do individuo, quimerismo sentimental, doença da solidão, corrupção das paixões, idolatria das paixões, império dos elementos femininos, sobre os elementos viris do espírito, escravização ao eu, deformação entática da realidade, abuso por meios materiaes da arte para mascarar a preguiça e a miséria da invenção... confusão dos géneros do sentimento com os géneros do pensamento...» eis as características dominantes que o ilustre autor do *Le Romantisme Français* aponta.

O romantismo ignora pois a ordem humana, ou subtrai-se violentamente. Assenta numa série de confusões estruturais: do sentimento com o dever, em moral; do bello com o disforme, em arte; da liberdade com o bem, em política.

Jogando com semelhantes premissas, que admirar se ao concluir, êle proclamar com ardôr os direitos sagrados do sentimento humano; deformar o conceito imutável da perfeição e da beleza; perverter a própria ideia, até, do bem comum?

Não será isto degenerescência? Caso de estudo puramente patológico?

Publicar um livro, por inútil que pareça, é sempre contribuir de algum modo para o progresso ou regressão moral da sociedade, pela influência que as ideias, os sentimentos, os processos até; defendidos e praticados aí pelo escritor, vão fatalmente exercer no espírito de quem o ler.

O próprio Eça de Queirós, tão cheio de pecado contra a sociedade sob esse ponto de vista, o reconhecia e publicamente afirmava no prefácio de *O Brasileiro Soares*.

Ora o romantismo foi isto: a desordem do pensamento, a indisciplina na imaginação, a opulência na forma, a miséria na ideia. E como é pelo pensamento que o homem determina o seu modo de agir na sociedade, é preciso, no nosso próprio interesse, pensar com justeza e rectidão. Não era como factor de orientação social que os românticos olhavam a literatura. Não lho permitira o seu excessivo egotismo. Mas é-o, de facto. E como tal, deve possuir um fundo saudável e vivificante, que só no equilíbrio racional reside.

Há uma ordem superior ditada ao homem, quando não pelas disciplinas religiosas, pelo secular conhecimento das realidades. Há uma hierarquia necessária, dos sentimentos como das ideias, uma regra objectiva que a inteligência construiu segundo dados fornecidos pela experiência,

A essa ordem eterna da vida a cujo ritmo se têm criado gerações sem fim; a essa regra objectiva que estabelece dentro do homem uma escala inalterável de valores mentais; a essa equilibrada «Summa» de preceitos de higiene interior de que a Minerva dos Antigos era o símbolo da imortal sabedoria, chamo-lhe «classicismo» ou «humanismo», opondo-o ao estado de espírito contrário, o «romantismo». Mas diferencie-se bem o que neste conceito de clássico é superfície e acidente, do que ele contém de profunda e perpétua realidade! Como disse, fundamenta-se numa ordem não só estética mas intelectual e moral, derivada dum supremo sentido da harmonia íntima, de que determinado modo de expressão literária comumente cha-

mado clássico também, não passa de artifício inútil, verbalismo sem valor, se à transparência de que exteriormente se revestir não corresponder a vigorosa limpidez da ideia.

Em que consiste, porém, o predomínio natural dos poderes mais nobres de espírito? Consideremos o seu conjunto como uma pirâmide onde as estratificações inferiores são constituídas pela razão e pela vontade e as superiores pela imaginação e pela sensibilidade. Sustentando estas, na base, os poderes mais fortes e disciplinados. No vértice, à medida que a pirâmide sobe e se adelgaça, os mais delicados e femeninos. E' o equilíbrio estável. Mas se ao contrário as camadas mais baixas fôrem formadas por êstes últimos e as mais altas pelos primeiros, a ordem natural sofre uma reversão completa. O vértice assenta no solo e a base vagueia no ar. A sensibilidade e a imaginação dirigem a vontade e abafam a inteligência. Hipertrofiam-se aquelas, mas atrofiam-se estas: equilíbrio instável, anormal, contra o qual grita a natureza das coisas.

A imagem geométrica de Louis Estève é bastante expressiva para marcar com nitidez a posição das faculdades psíquicas no estado de espírito romântico.

\* \* \*

Aquêles que possuem instinto soberano da Ordem, coordenam e subordinam. Limitam-se e definem-se. Possuem-se, numa palavra. O que é joguete do instinto cego do tumulto confunde e inverte. Ilimitam-se e dissolvem-se. Entregam-se ao vago, ao indefinido, ao nada.

Um, pode subir ao reino do Ideal sem perder de vista o do Real. Outro nega o Real para dogmatizar a existência única do Ideal.

A' confusão medonhamente romântica do sentimento com o dever, o humanista cristão aponta o seu contraste perene, fundamento só da Arte, e essência do Teatro de Corneille e de Racine.

A' do belo com o disforme, diz que todas as disformi-



dades são elementos de arte, meios de educação social, se acima delas, interpretando-as e iluminando-as no seu oculto sentido, estiver o claro dom compreensivo de um Shakespeare e de um Göethe.

A' da liberdade com o bem, responde com um saber de experiências feito: só há verdadeira liberdade na obediência voluntária e uma regra exterior que se conhece e respeita, na posse consciente e plena dos seus limites.

Eis o que António Sardinha conseguiu exprimir com superior relêvo num magnífico soneto de «*Quando as nascentes despertam*».

Amo as paisagens quando são latinas  
— paisagens de aqueductos e colinas,  
mirando o espelho inquieto dos canais...

Porque os limites que a mim mesmo imponho,  
dão consistência às asas do meu sonho  
e ajudam-me a subir cada vez mais!...

«Quero ser o poeta da minha ideia» dizia êle. E ainda aqui, António Sardinha foi um renovador, sendo um reactionário.

Por se afastar em tudo do romantismo, na política, como nas letras, por fugir a esta decomposição integral do ser, e pôr a sua poesia ao serviço do seu pensamento, é que António Sardinha é um grande poeta, felismente ignorado de tanta Virgínia que para aí faz namoro a todos os Paulos dêste mundo; tanta Beatriz que invertendo os papéis, canta em sonetos fogosos um Petrarca despojado da lira; tanta Genoveva que diz frases aos vários Lamartines caricaturais da Garrett; tantos poetas «graciosos» e tanta poetisa clorótica!...

Somos nacionalistas e somos espiritualistas; nacionalistas como homens, por princípio e método, espiritualistas e católicos, por conclusão.

Em nós, a Razão hirta e fria proclama o Espírito criador e activo: o cadáver anima-se, torna-se uma Vida superior à vida, que existe além do tempo e foge aos limites do finito. Guiados nas veredas agrestes que o ser tem de pisar na sua caminhada para as veigas edénicas da Eternidade pela voz da Igreja, guarda de sabedoria eterna, erguemos a Razão débil e impotente no seu mesquinho poder de adaptação compreensiva, sôbre a colunata sólida e eterna do Evangelho.

A cidade cristã é-nos defesa e amparo.

Dentro dela seguimos a regra objectiva, directamente imposta por Deus, a que o romantismo foge por sistema.

Eis porque nós não somos românticos e proclamamos a necessidade de estabelecer nos espíritos o reinado coordenador e valorizador do humanismo cristão, a expressão mais alta do racionalismo... racional.

A. GONÇALVES RODRIGUES

«E' preciso combater e convencer: combater para permanecer fiel, convencer para transmitir aos outros a vida que nos foi dada. Assim como não há cristão sem amor, assim não há cristão sem proselitismo.»

*Lacordaire (Lettres à un jeune homme).*

«O esforço é essencialmente uma ascensão, uma criação; o prazer, uma decadência e um acto de puro esgotamento».

*Mgr. Ladeuse — (Discurso reitoral aos estudantes de Louvain em 1922).*

# Real! Real! por D... Rei de Portugal

Estudados e aceites, pela mocidade portuguesa tradicionalista, os principios contra-revolucionários, toda a actividade mental da causa monárquica, em Portugal, tem sido perturbada pela dificuldade inesperada de converter um Principe à Monarquia.

O Integralismo Lusitano, rompendo com o Senhor D. Manuel, a a «Acção Realista», libertando-se dos constitucionalistas, são fenómenos da mesma causa.

Se o primeiro repudiou a democracia, responsabilizando-a na pessoa de um rei, que se afirmava constitucionalista, a segunda, logo que o Rei fez as suas primeiras afirmações tradicionalistas, liberta-se dos conselheiros que persistem em se confessar constitucionalistas.

O I. L. abandona o Rei que teima em ser democrata. A A. R., em face de um rei democrata, arrependido, abandona os cartistas que persistem em ser democratas.

Seria a A. R. mais feliz que a I. L., na conversão do Senhor D. Manuel?

Recearia o Senhor D. Manuel que a A. R. se visse forçada a romper com o Rei?

Nada se pode afirmar de positivo, enquanto o Senhor D. Manuel não der uma resposta clara, à mensagem da A. R.

E' bem solene, para o Rei, esta hora em que a flor dos seus partidários o aclama, só porque numa mensagem enunciou alguns principios monárquicos.

Oh! são bem mais terriveis as hossanas aclamadoras da «Acção Realista» que as petições enérgicas da Junta Central do I. L.!

E — ousemos dize-lo — são tambem solenes as situações do I. L. e da A. R.

O que fará o primeiro se o rei se converteu integralmente?

O que fará a segunda, se o rei se não converte integralmente?

Esperemos que num e noutro campo se procederá com honra e patriotismo, pondo, acima dos agravos pessoais e dos Principes, os principios que valem mais que os ressentimentos e que os Principes.

Vai sendo tempo de os dois campos tradicionalistas ouvirem aquelas verdades que não magoam, porque nem envolvem censura nem desconfiança.

\*

Que o Integralismo Lusitano, após o Pacto de Paris, continuasse o rompimento que se seguiu ao Relatório de Londres, ninguém lho pode estranhar. A sua atitude foi nobre, e — como agora se vê — previdente e lucidíssima, afastando, mais uma vez, a companhia traiçoeira dos cartistas, que os rapazes da «Acção Realista» abraçaram, de certo, na melhor boa fé.

Mas, certamente, por uma excessiva gentileza, o Integralismo tratou a Senhora Infanta de Guimarães com uma brandura impolitica que lhe não merecera o Senhor D. Manuel.

Com o Senhor D. Manuel, Principe de educação democrática, rempeu-se porque Ele, rei ajuramentado da Carta, **não quiz aceitar os principios da verdadeira monarchia.**

Com a Senhora Infanta que **atraçou os mesmos principios** — crime maior! — hesitou-se... Era uma Senhora...

No entanto, a Junta Central do I. L. e o Conselho Superior Legitimista houveram-se com nobreza, recusando-se a servir o Pacto.

Mas a Senhora Duqueza de Guimarães, assinando um tal Pacto, sem ao menos ouvir o seu Conselho Politico, dispondo, num momento, do espirito dos seus partidários e do Principe, como podia dispor de uns objectos do seu uso pessoal, deixou, a muita gente, a suspeita de que o ramo miguelista da Casa de Bragança ama o absolutismo, e que os seus partidárias, não se desligando imediatamente dela, *de uma vez para sempre*, seriam incapazes de lhe dizer aquela *senão, não* dos antigos portugueses.

Não servindo o Pacto, o Integralismo implicitamente lhe disse o *senão, não*, mas sem aquela enérgica claridade que chegou ao exilio do Senhor D. Manuel.

Mas a falta da Senhora Duqueza de Guimarães assumiu proporções intoleraveis, porque vemos Sua Alteza Real o Senhor D. Duarte Nuno, com 18 anos feitos, na estranha situação de um Principe que não chegou ainda à idade de... falar.

Ora se os integralistas-encontraram a nobre figura de um grande fidalgo para dizer ao nobilissimo e impecável Senhor D. Miguel II, que a Pátria precisava da sua abdicação, não poderá o mesmo illustre

fidalgo dizer à Senhora Infanta que o Príncipe chegou à idade de falar?

Mas se, no campo duartista a situação é esta, vejamos o que se tem passado nos arraiais manuelistas.

Quando a «Acção Realista» aceitou o Pacto, toda a imprensa manuelista inspirada pelo seu Rei, gritou:

«E' preciso marchar unidos contra a República, sejam quais forem os principios dos diversos campos monárquicos».

Queria isto dizer: para a marcha contra a República, basta pôr os pés de acôrdo, para nada importando a harmonia das cabeças. Passo certo, e, no fim se verá...

Acreditamos que os rapazes da A. R. ouviram, com tristeza, uma tão clamorosa imbecilidade!

A chamada harmonia monárquica era, no fundo, a hipocrisia cartista, porque, numa causa politica, não pode haver pior desarmonia que a resultante da divergência de ideias.

Porque os republicanos defendem todos as mesmas ideias, divergindo apenas nos processos, é porque a República não cai, e porque, nos chamados campos monárquicos, a divergência é irreductivel, é que ainda eles não puderam vencer.

E a desorientação tem sido tão grande, que a imprensa constitucionalista, ao ver que a Monarquia não aparece, atribui esta *desgraça*, em bôa parte, à acção dos prelados que, por intermédio do Centro, chamam as massas católicas para a República!...

Mas em nome de quem e porque a Igreja havia de fazer causa comum com eles?

Em nome das ideias democratas? Mas estas tem-nas a república com maior pureza...

Emfim, os cartistas tão desastradamente conduziram o problema politico-religioso, que hoje se tem a impressão de que monárquicos e republicanos de igual modo atacam a Igreja.

E o Centro Católico, como é natural, triunfa.

Antes assim.

Pelo menos, os portugueses, sabem que a República não piora na companhia dos prelados, e, de resto, a monarquia nunca lhe pode dever a vitória, porque o gladio de Pedro ficou para sempre enterrado no Jardim das Oliveiras...

Decerto, as cabeças dos Prelados, nas reuniões onde predominam os políticos não aparecem; aureoladas daquele luminoso realce que os engrandece e acarinha quando ajoelhados em frente dos sacrários das suas Catedrais...

Mas isto não é novo, e ninguém com menos autoridade que os cartistas para se escandalisarem.

A atmosfera liberalista da Camara dos Pares era muito mais vil para os Prelados.

«Mulas de reforço, com honras de Príncipe» — por tais os tinham.

Ao menos, agora, despida a samarra de pares do reino, a esfera da independência religiosa em que se movem é maior.

Seja como fôr, a acusação de que os prelados atrasam a monarquia é um argumento idiota, que encobre a fraqueza resultante do divagamento de ideias que tem desorientado a causa monárquica.

A «Acção Realista» aproximando-se do cartismo, conheceu bem esta desorientação e separou-se.

O Integralismo precedera-a.

Mas em que situação vai agora ficar o senhor D. Manuel?

Vejamo-la.

Atè há pouco ainda, o senhor D. Manuel argumentava que só o Parlamento, ante o qual jurara, o podia desprender do juramento cartista, mas desde que agora reconhece que o Parlamento é uma instituição falsa e a Carta maléfica, o juramento não subsiste, porque é uma ofensa grave a Deus persistir num juramento cujo objectivo se reconhece ser mau.

Se o Senhor D. Manuel se obstinasse, ilògicamente, em afirmar que só o Parlamento o podia desobrigar do juramento cartista, o parlamento que, para o rei, é já uma instituição humana, falida, ganharia atribuições divinas, porque dos juramentos bons — e só estes são validos — é Deus que desobriga,

Foi, pois, bela a resolução da «Acção Realista», separando-se dos constitucionalistas do Senhor D. Manuel. Mas estará realmente, o último rei convertido, integralmente, aos princípios monárquicos? Se, como se diz, o Senhor D. Manuel abjurou o Cartismo, fraca confiança ele teria nos princípios eternos da monarquia, se não se julgasse obrigado a impô-los a todos os homens da sua causa, e fraca seria a sua convicção, se dentro do seu exército, conservasse os eternos inimigos, os eternos traidores desses princípios — os cartistas.

Inteligente e nobremente procedeu a «Acção Realista» em não admitir a *neutralidade* de um jornal que se diz monárquico, em face de afirmações monárquicas do seu rei.

Mas um jornal *neutral* é, dentro de uma causa, quando muito um corneteiro, um clarim, que se fuzila, por não querer tocar as ordens do comando.

Que se fará ao Chefe, ao General que transige, assumindo a neutralidade do clarim?

Seria, pelo menos, um chefe que, *ipso facto* se demite.

Se o Senhor D. Manuel transige, recúa ou se neutralisa, o que vai fazer a «Acção Realista»?

\*

Por mim, não posso seguir uma Princesa absoluta, um Príncipe mudo, de 18 anos, ou um rei semi-monárquico

Pois se nós exigimos a todos os portugueses que se dizem monárquicos uma adesão integral aos principios de monarquia, terá o Príncipe o direito de, no amor pelos mesmos principios, ser menos perfeito que os soldados que o servem?

A «Acção Realista» tem razão quando considera os constitucionalistas como estrangeiros do interior em luta aberta contra a Pátria...

Como ha-de então, o Senhor D. Manuel conservar os traidores no seu campo, quando os seus melhores e mais fieis soldados lhes garantem a traição?!

Esses conselheiros liberalistas ficariam bem num museu, entre as relíquias do combate de D. Pedro IV.

Mais mansos que os republicanos activos, eles são simples republicanos reformados, à força, porque a república antiga que serviam atingira o limite da idade, dando naturalmente, vaga à república nova...

Ah! se todos os moços tradicionalistas de Portugal abandonassem os principes mudos ou democratas, deitando-os entre as ruínas que são os velhos constitucionalistas, os Principes haviam de meditar...

E na meditação, algum deles acabaria por se converter.

Entretanto os moços lusitanos fariam, entre si, o Pacto, aqui — em Portugal.

E o primeiro príncipe que, integralmente, se convertesse, seria recebido com o grito aclamador:

Real! Real! por D... Rei de Portugal!

N.

## O Pecado da Democracia

A arremetida anti-fascista iniciada pelo grupo «Seara Nova» em aflictivos pregões de estreito horizonte e espessa como todo o fanatismo deixou de confinar-se a-dentro das paredes da Biblioteca Nacional e da Universidade Livre para vir, por aí fóra, aos tropeções, em desabalada aventura.

Quizera a gente da «Seara Nova» reflorir nesta primavera hesitante e enferma do ano da graça de 1926, num capricho estouvado de crianças. E refloriu, em metálicos histerismos, em clamores de arripiar, pela voz rebarbativa e sacerdotal do senhor Raúl Proença.

Espuma das ideias claras traduzidas do francês pelo senhor António Sérgio, vinha a «Seara Nova» dar-nos o ensinamento democrático, exaltado como poderoso e eficaz ideal de organização, despachado em grande velocidade, com rótulos de fraseologia seca e geométrica. Que ela não procura dominar com a rutila frase, ondeante como a emoção de certas mulheres, — para tal bastam as sonoridades bergsonianas do senhor Leonardo Coimbra. Uma vaga côr intelectualista mais de forma do que de fundo, se espraia nas suas divagações conselheirais, em esqueletizada frase, enfim, numa técnica de quem pensa que pensa e, por isso, e só por isso, é pensador.

O senhor Sérgio fatiga-nos e fatiga-se a servir o chá das ideias claras, e o senhor Proença, moi-se, o pobre, a servir o chá do anti-fascismo. E ambos de tal guisa o servem que às vezes nos convencem de que nunca tomaram chá. As ideias claras, fruto serodio do subjectivismo cartesiano, espremidas não dão mais do que... ideias escuras. Não sei mesmo se no senhor Sérgio há alguma coisa escura, pois a gente doutra forma não sabe explicar as suas ter-



nuras intelectuais por um conceito que nos deixa às escuras sobre as grandes coisas da realidade. Há raças do ponto de vista antropológico, como as há do ponto de vista psicológico e às vezes o antropológico encontra-se no psicológico. A raça do senhor António Sérgio não deve ser fecunda em ideias claras, mas em ideias escuras.

De resto, averiguado que todas as cambiantes do subjectivismo, fecham a ponte ligadora do homem à realidade, importa demonstrar que as ideias claras do senhor Sérgio não passam de ideias fixas, direi melhor, obsessão tão própria dum manicómio como da Beocia.

As ideias fixas radicam-se no espirito, dum modo absorvente e immobilizador, porque são no fundo, um *á priori* procustiano, resistente em face dos grandes dinamismos sociais. Estamos em pleno mundo subjectivo. O rial fica ao largo — é uma praia onde um cartesiano serodio não poderá desembarcar.

Jacques Maritain escreveu uma tirada sobre as ideias claras, que vale a pena reproduzir: — «*De l'idée claire passez à l'idée facile, c'est-à-dire, qui permet l'usage le plus vaste et «explique» le plus de choses avec le moindre effort et la plus grande économie de cogitation.*» E mais adiante: — «*Vous arrivez finalement à l'idée mythe, qui, vidéé de tout contenu intellectuel, et destinée seulement à provoquer certaines resonances rituelles dans l'imagination et dans l'appétit, domine déspotiquement le champ entier de la représentation... Ainsi ont pris naissance ces divinités tidéologiques, ces pseudo-ideés derivatrices du réel, dont l'ensemble constitue la mythologie moderne, et au premier rang desquelles brille l'ideé du Progrès.*» (Théonas, pags. 121).

São estas as ideias do senhor António Sérgio. Foram elas que levaram S. Ex.<sup>a</sup>, um dia, ao Ministério da Instrução onde, todos o sabem, deixou um triste rastro de ideias escuras.

Não é com ideias fixas que se organisa o mundo, mas sim com ideias realistas, de eficiência renovadora. Que é preciso renova-lo interpretando o seu inquieto estremecimento, arejá-lo, dotá-lo com um novo estatuto vital.

---

O mundo novo solicita-nos, numa comovida aspiração de beleza e ternura. Há uma classe a estabelecer e fecundar — a classe dos homens de boa vontade, sem ideias fixas, sejam elas claras ou escuras, mas com ideias realistas.

Mas porque anda a envelhecer o mundo uma democracia mecanisadora, tão diferente da democracia feminina, romântica, do século XIX, devo afirmar que importa salva-lo, realizando a maravilhosa síntese das desigualdades. Acho mesmo interessante essa diferença entre a democracia feminino-negativa do século XIX e a democracia masculino-negativa do século XX — consideradas ambas nos seus expoentes superiores.

Quere a democracia mecanisadora comprimir os homens até à identidade liza, sem relevos, à fria identidade duma planície. Eu quero a grandeza comunicante e abraçadora da montanha. Construamos o mundo sobre a grande linha das eternidades salvadoras, numa comunhão de abraços donde surja, em toda a limpidez, a harmonia criadora das forças do mundo que são as forças de Deus, a síntese das desigualdades. A voz delirante da democracia estendida sobre os horizontes numa chateza fria de stepe é um grito melancólico sobre uma paisagem de Morte. E' assim que eu a vejo através uma imagem.

A democracia tem razão, apenas, quando enuncia a necessidade de criar um estatuto novo para a vida da relação. Mas quê? Não se coloca ela fora da vida de relação, além dela e contra ela? Faliu o estatuto proposto naquela época sombria, de deuses ardendo em sêde, que foi a época da Revolução.

A nova democracia, através da Escola Única, por exemplo, esquecendo a sua bancarrota no século XIX, e batendo-se, incoerentemente, contra as organizações filhas da sua irmã mais velha, vem repetir o velho gesto, com sangrento arreganho. Não é um estatuto novo o que pretende dar-nos. E' um estatuto velho. Nós, porém, queremos um estatuto antigo, um estatuto reacionário, um estatuto radical — uma fórmula que nos dê o circunstancial inscrito no eterno. O antigo remoça porque é eterno? Não tem idade; é

---

de todas as idades. O velho tem idade, nasceu, viveu e passou num afadigamento doloroso que, inútilmente, pretende sobreviver a si mesmo.

A grande montanha das almas é batida por um grito agudo partido lá dum ponto onde se anima toda a rebelião contra a natural vida de relação. Destroi-se a ponte entre o homem e a realidade. Tudo se afunda. E' um abismo! As profecias de desânimo alentam-se nessa onda escura. E' o misticismo naturalista e encorporar todas as energias de corrupção. O naturalismo é poliforme — figura-se nesse complexo, a que chamo pecados mortais da cultura moderna, ou melhor, dizendo, anti-eterna.

A democracia é um desses pecados mortais. Creio mesmo que os chamados povos latinos teem diante de si um horizonte escuro. Só a derrota da democracia pode ser a sua salvação.

A grande dimensão social — é assim que eu figuro o complexo vital das sociedades — impõe uma força subordinante e de eficiência integradora.

Nós, integralistas — ao Integralismo damos a maior extensão humana — homens de espirito e de sonho, possuímos uma grande superioridade sôbre os democratas. O povo — a massa total — interessa-nos, mais sinceramente do que a êles. E o que deles, democratas, nos separa, não é a matéria. E' a ideia formal. Mas reparando melhor, teremos de rectificar a confissão de semelhança. E' que a democracia destaca do *total* uma fracção — a das chamadas classes inferiores — para sobrepô-la às outras, mais criadoras, porque só é criador quem é aristocrata. A democracia, sob pena de incorrer em pecado de lógica, tem, para ser coerente, de eliminar o conceito de liberdade. E' que nós somos *diferentes* e a liberdade das diferenças voa à desigualdade brutal. Mas ela procura evitar êsse perigo, suprimindo a liberdade. Perdoem-nos os leitores a divagação, mas tendo eu a dominar-me grandes preocupações de lógica e metafísica não sei calar as minhas conclusões.

A democracia não pode desmentir-me. Ignorando a

ideia do *complexo de diferentes*, e postulando uma identidade substancial quere, em mística teimosia, arrasar tudo.

No entanto eu sei como é necessário alagar o mundo duma claridade evangélica, abatendo o burguez comprometedor da *burguezia*, o operário comprometedor do *operariado*, emfim, tudo o que fôr anti-social.

Afastados dos grandes sulcos da eternidade, à margem da justiça comutativa e distributiva e da caridade, os homens do tempo que a democracia tem vindo amamentando, numa preversão de espiritos e de sensibilidade, teem de ceder às injunções vitais. Ou a democracia castigadora viria arrumar *os que podem* alinhando-nos a um canto depois de os amarfanhar, ou as grandes forças da autoridade realista, que não de autoritarismo, virão obrigar todos — os que podem pouco e os que podem muito — a uma obra de solidariedade.

A advertência aqui fica. Os horizontes oferecem um mistério arripante. E' preciso olha-los com atenção. Há que fazer a Revolução.

Foi possível a intrusão democrática — a mística racionalista da igualdade — na vida de relação. Mística racionalista? Não haverá contradição nos termos? Não será o racionalismo, como diz Gualtier, num artigo curioso publicado no *Mercure de France*, uma grande escroquerie, pelo facto de oferecer um relêvo místico? Seja como fôr, a verdade é que a democracia, por culpa de quem não soube criar a Revolução, logrou perturbar a vida de relação. Por isso, a crise moderna é uma crise da vida de relação. Se não regressarmos às inspirações renovadoras do catolicismo, perder-nos-hemos. No fundo de todas as coisas gira um conceito metafísico e teológico. A Revolução há-de fazer-se sôbre esses principios. As nascentes da eternidade não se esgotam, nem podem esgotar-se, porque eternas são. O mundo d'hoje estremece, dolorosamente, na ansiosa obsessão dum horizonte novo. Nós, integralistas, somos por êsse horizonte novo. Quem quere acompanhar-nos nessa aventura para o largo? Quem?

DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO

## Pensamentos, palavras & obras

### Onorate l'altissimo poeta!

(«Verbo Ser e Verbo Amar» por Antonio Correia d'Oliveira)

Ao vermos chegar junto de nós o poeta que para Deus partiu do limbo em que nos encontramos e agora volta a trazer-nos a palavra do Senhor, acorre-nos para o receber a saudação que nos Infernos acolheu Virgílio: honremos o altissimo poeta portador da divina graça, louvando e glorificando com a sua arte o Senhor Deus Omnipotente. E não pareça excessiva a saudação: o poema religioso que Correia d'Oliveira nos deu recentemente tem uma beleza que não é a beleza mortal — uma luminosidade que os nossos olhos não conseguem ver porque só a alma a alcança. Sente-se no último livro de Correia d'Oliveira a virtude sobrenatural da Fé e podemos hoje louvar a Deus porque possuimos poetas cristãos, capazes de O amar, de amar a Sua criação e de a cantar.

O que isto representa na história dum renascimento, vamos tentar evidenciá-lo, sem brilho nem originalidade, sem pretensões também, mas no cumprimento duma missão que nos impuzémos e que, bem ou mal havemos de cumprir.

\*

Cheio dum profundo pensamento católico em que não há sombra de heterodoxia e repassado dum purissimo sentimento cristão, pureza que dificilmente se encontra num ambiente viciado como o nosso é, o novo livro de Correia

d'Oliveira é o sinal por que esperávamos para efectivação dum renovamento de sensibilidade que é necessário que seja realizado, acompanhando de perto a renovação mental em que andamos empenhados.

Colocados entre dois campos extremos e ambos des-humanos — dum lado, a deliquiscência ultra romântica mascarada com varios nomes e agravada pelo apodrecimento desta sociedade que progride na miséria, do outro, a violência com que se pretende afirmar actividade, vida, acção, violência que não é energia moral mas estridor para abafar os gritos da consciência e ocultar o vazio intelectual,

*Um século irritado e truculento  
Chama à epilepsia pensamento,  
Verbo ao estampido do pelouro e obuz...;*

no meio de gente que queima os nervos numa agitação febril ou os deixa amolecer na contemplação de torpes divindades dum paraízo quimérico, o renovamento da sensibilidade num sentido humanista e cristão, é tarefa que não aparece mais fácil do que a outra que consiste em querer rectificar inteligências num país em que só há estômagos, laringes e.. vesículas biliares.

Em que consiste êsse renovamento? Na disciplina da sensibilidade de modo que as suas riquezas integradas na intelligência, esclarecidas pelas faculdades racionais, sejam fonte de verdade e de verdadeira beleza. Não daquela «Beleza» que os estetas collocaram no altar dos seus desconhecidos deuses — há tantos ainda para vir! — mas da beleza que é reflexo do próprio Ser no qual todas as coisas existem.

Correia d'Oliveira no seu poema, fez o milagre de nos revelar a sua sensibilidade ordenada, purificada e por isso extraordinariamente enriquecida, ensinando-nos nos seus versos simples e profundos a forma de conseguirmos êsse triunfo: resando o Padre-Nosso e louvando a Mãe de Misericórdia... ■

Por curiosa associação de ideias, êste livro do poeta

faz-me lembrar a obra da Santa de Lisieux. Também a tarefa de Santa Teresa consistiu em despir a sensibilidade moderna de tanta ganga que a faz parecer triste figurante num infeliz carnaval. Não a compreendeu o nosso século, que, ainda demasiadamente tomado dos males das anteriores gerações, não ponde por enquanto reformar os seus conceitos e subordinar um coração puro a uma inteligência sã.

\* \*

Outro aspecto, porêm, me seduz no livro. Aspecto que necessariamente havia a focar num poema católico: o do seu profundo humanismo. Todos nós temos um verso nêsse poema que contem a nossa própria história e o canto cantado pela nossa angústia de desterrados, pelas máguas do nosso transviamento e pela lucilação da nossa esperança. Assim o sentiu o poeta, que diz:

*Tal como os búzios onde o mar ressoa  
A Humanidade eu sou...*

Por isso, o poema de Correia d'Oliveira é de todos os tempos, de todos os povos. Mas ninguém lhe saberia dar a forma que êle tem, em nenhuma parte a expressão seria tão suave e tão branda, e se sentiriam tão vivas a saúdade e a esperança como na terra da esperança e da saúdade: em Portugal.

Eis como o poema é bem português apesar de ser humano. E assim, direi antes, é mais humano por ser bem português.

\*

Observemos, finalmente, o significado do livro de Correia d'Oliveira: êle representa a volta para Cristo, não de uma geração, mas das gerações que hão-de vir; êle representa a reintegração da arte na sua única função: a de servir os destinos nobres do espírito humano. Convertida de *meio* em *fim*, forçada a um isolamento que a obrigava

a bastar-se a si mesma, a Arte reduzida à forma decaiu, arrastando na sua queda os que a cultivam. Caiu-se na «religião da Beleza» e ao Deus verdadeiro substituíram-se os ídolos que afagavam os nossos vícios e favoreciam as nossas tendências inferiores.

Desde então, foi a esterilidade, a secura, e breve a tristeza. Criada para servir, a Arte só encontra a sua perfeição na subordinação a um fim mais alto. Dêsse modo se salva da barbarie — e é êsse o caminho que vai tomando. Documentam-no dois tercetos de Correia d'Oliveira com que encerro estas ligeiras considerações:

*Se mais não posso, o que disser de ti,  
Ao menos, seja, em minha escrita nova,  
Rasura e emenda sobre o que escrevi.*

*E ao templo se encaminhe, à fé se mova,  
Em sacras vestes e por brônzeo trilho  
O verso antigo de profana trova*

### Ana a Kalunga

(em a nossa linguagem «Os Filhos do Mar», por Hippólyto Raposo)

Nós, portugueses, mal conhecemos Portugal. Tem-se disto isto centenas de vezes, a frase adquiriu fóros de lugar comum — e continua a ser verdadeira, apesar das comissões de iniciativa e turismo e das tarifas reduzidas na época dos banhos: desconhecemos Portugal.

Desconhecemo-lo na variedade da sua paisagem, na abundância das suas riquezas e principalmente, na grandeza do seu esforço e na importância da sua missão no mundo. Vivemos dentro das suas fronteiras a dizer ironias mais ou menos espirituosas e a ler os jornais da oposição. Sabemos assim que existem umas colónias, visto que existe um Ministério para cuidar delas e que Angola é portuguesa porque mandamos para lá de vez em quando um



alto comissário. Um dia, aflitos com a marcha dos negócios públicos, pensamos se não seria melhor vender as possessões ultramarinas; no outro, em face das dificuldades da nossa vida privada, encaramos sériamente a hipótese de ir explorar os pretos para a equilibrarmos. E assim, quando, fazendo cômico com os jornais que nos fornecem ideias por três tostões, declaramos com o dedo espetado ser preciso salvar as colónias — esquecemo-nos de que, em primeiro lugar, é preciso que amemos as colónias.

Infelizmente, a culpa não é só nossa: o desprezo que o Estado mostra pelo Portugal de além-mar é um incitamento à nossa indiferença; por outro lado, a nossa literatura colonial não ia muito além do «Diario de Lisboa»...

Nos tempos da minha infância — que ainda não vai longe, graças a Deus! — o livro de Capelo e Ivens — «*De Angola à Contra Costa*» fazia as delicias da minha insaciável curiosidade de saber. Todo aquele mundo fantástico com os seus homens esquisitos, leões ferozes, crocodilos inesperados, zebras, antílopes, elefantes, toda uma fauna estranha numa paisagem quimérica, satisfaziam a minha imaginação e ainda recordo saudosamente, a emoção com que acompanhei durante toda a arriscada viagem os dois heroicos exploradores. Ficou-me desde então um grande amor por essa Africa misteriosa e exótica, tão grande, tão rica e tão portuguesa pela enormidade do esforço e pela quantidade de sangue que nos tem custado.

A literatura da guerra deu-nos depois alguns bons livros sobre a Africa. Seja-me permitido destacar a *Tropa de Africa* de Carlos Selvagem onde se encontram algumas páginas maravilhosas de paisagem e de costumes.

Apesar disso, não possuíamos sobre a Africa um livro que nos revelasse os seus encantos e nos falasse demoradamente do que tem sido a acção portuguesa nesses países longínquos que nos habituámos a esquecer. Um livro que, sob formas delicadas, sem o pêso dos dados estatísticos, sem a impenetrabilidade das dissertações históricas sem a fadiga das minúcias técnicas, nos desse a noção do valor da Africa nos elucidasse sobre as várias fases da sua

história e nos apontasse o caminho a seguir para a sua manutenção e engrandecimento. Não tínhamos um livro assim: os nossos escritores achavam que o preto não merecia a Arte.

Empreendeu escrevê-lo Hipólito Raposo, amigo querido de todos nós e mestre respeitado nesta casa. «*Ana a Kalunga*» que em português se diz «*Os Filhos do Mar*» é um livro que nos alegra o coração, que nos faz pensar seriamente e nos emociona com suavidade: é um livro perfeito.

\*

Desnecessário se torna pôr em relêvo o significado nacionalista do livro de Hipólito Raposo. E quanto ao espírito cristão que o anima, fácil é ao leitor descobri-lo e sentir-se por êle tocado. Só em «O Branco Moleque» êle parece um pouco esquecido nas considerações sobre «a filosofia africana da felicidade». Manuel da Silva é um caso triste de regressão, sacrificando a felicidade espiritual à felicidade material, à tal ventura que, «se não vem num dia há-de vir noutro, seguramente». Durante muito tempo eu considerei o *selvismo* um estado de perfeição e puz o meu ideal em ser pele-vermelha. Era assim que eu manifestava o horror que sempre tive a esta civilização. Foi José de Maistre que me ensinou o verdadeiro conceito de civilização e me revelou que os selvagens são povos regressivos mesmo em relação a êsse conceito de civilização espiritual que tem o seu tipo no estado de sciência e de graça do primeiro par, antes do pecado original.

Longe de sêrem povos na infância, os selvagens são os povos que se deixaram completamente envelhecer dêse o dia da queda. Essas páginas das *Soirées de St. Prêtresbourg* são das mais geniais que concebeu o espirito genial de José de Maistre. Pensando bem, nós podêmos, pelo rigor do raciocínio e partindo do facto do primeiro pecado, chegar exactamente às mesmas conclusões.

Mas Hipólito Raposo esclarece-nos que toda essa teoria do *selvismo* lhe passou pela mente como uma con-

jectura arrojada. Portanto, a falta é só aparente e apenas poderá iludir os que não estejam prevenidos ou não tenham uma forte formação cristã. O resto do livro é rigorosamente ortodoxo — é profundamente católico.

\*

Um outro facto há a notar: é a linguagem em que está escrito *Ana a Kalunga*. Hipólito Rapôso conquista definitivamente, com êste livro, um lugar entre os bons prosadores portugueses. E' uma linguagem purissima, sem nenhum dos pecados da prosa moderna e que serve dócilmente a arte de Hipólito Rapôso a revelar-se cada vez mais perfeita. Há neste livro páginas duma grande beleza, dum extraordinário poder descritivo em que a riqueza das imagens se casa com a sobriedade da frase. O conto «A Rainha Ginga», por exemplo, é modelar. E na «Fraülein Geheimniss» surge-nos, desenhado com uma inexcedível firmeza de traço, o tipo do funcionário colonial que viveu anos sem vida, guardando dentro de si «uma alma de collegial português, da mais sonhadora e infantil inocência».

«Fraülein Geheimniss» é um conto cheio de delicadeza e de observação, onde se encontram das mais belas páginas do livro. Eu não resisto à tentação de transcrever êste período que dá bem ideia da sugestiva prosa do autor:

«Arrastando-se pela areia, para além da fita de espuma scintilante, ou pendendo para as barreiras queimadas e nuas em que avança o casarío, Loanda estremece na inquietação vaporosa das respirações das plantas moribundas, dos ervaçais e do coração vivo das pedras, sofredoramente, como se na obra dos homens estivesse caindo a maldição de nuvens de cinza quente, fugidas à voragem um incendio astral.»

Fazemos justiça e simplesmente justiça, portanto, ao dizermos que «*Ana a Kalunga*» é um bom livro quer sob o aspecto literário quer sob o aspecto nacionalista. E ao felicitar-mos o seu autor, felicitamo-nos por nos encontrar-

mos sob a mesma bandeira, combatendo o mesmo combate. Deus permita que Hipólito Rapôso possa ainda escrever muitos livros como êste, para sua glória e nosso aproveitamento.

MARCELLO CAETANO

## A ditadura

No nosso n.º 2 disse José da Silva Dias qual a atitude que tomamos a respeito dos *ditadores*. O artigo que neste número publicamos, da autoria do nosso querido camarada Gusmão d'Araújo, obriga-nos a esclarecer a posição que ocupamos no que toca às ditaduras.

Dêsde o principio que nos temos declarado monárquicos: desde o primeiro momento dissémos, porêem, que a «ordem nova» não consiste numa singela mudança de governo em seguida a uma revolução e feita por meio de meia duzia de decretos afixados nas esquinas. Há uma revolução que há-de sêr feita antes dessa: é a reforma de cada um de nós, é a formação duma mentalidade verdadeiramente de escol que possa depois impor os seus principios à Nação.

Coerentes com êstes principios não admitimos a possibilidade imediata duma restauração monárquica — porque não consideramos restauração o resurgimento do mandarinato dos conselheiros e a continuação sob o olhar protector dum democrata coroadado, da farça da soberania nacional.

Reconhecêmos, no entanto, que o Estado não pode continuar a enfraquecer-se neste regíme miserável e suicida: por isso, aceitamos a solução ditatorial, como solução transitória, como intervenção cirúrgica a que fatalmente se há-de succeder uma medicina cuidadosa. Ditadura que seja no bem público, justa, honesta e verdadeiramente nacional, terá o apoio de todos nós. Tal é, também, o ponto de vista desenvolvido pelo nosso camarada Leão Ramos Ascensão no folheto *O fascismo, o anti-fascismo e a Monarquia hereditária* editado pela junta Escolar de Coimbra do Integralismo Luzitano, em resposta ao infelicissimo artigo do Sr. Raúl Proença sobre o fascismo.

Notável concordância a que existe entre todos os que combatem neste reducto a contrastar com a desorientação do lado de lá! Tal é a perfeição da nossa doutrina — tal é a justeza do nosso pensamento!

## A nova geração

Da brilhantíssima conferência realizada pelo Rev.º Cónego Dr. Martins Pontes ácerca do livro de Corrêa de Oliveira a que fazemos referência neste número, transcrevêmos os trechos em que o ilustre orador se refere à nova geração reacionária:

«Há o que quer que seja *novo*, neste mundo envelhecido, fatigado de experiências e trabalhado de desvaios — desvaios de teorias que, em conflito, refervem, escachoam abafando as inteligências numa ambiência melancólica e pessimista de ocaso; desvaios morais em que se dissolve e pulverisa a acerada tempera dos caracteres, a energia viril das consciências.

O velho poeta romano — Lucrécio — vibrava num frémito de entusiasmo saudando a «*novitas florida mundi*» — a juventude do mundo em flor.

Pois, não menos intenso, e com razão mais comovidamente sincero, é o entusiasmo com que venho hoje trazer a minha saudação, não à juventude da natureza que renasça em frescor e graça pela primavera, — mas à primavera d'almas, a esta mocidade, disciplinadamente batalhadora, que traz à flor dos lábios um canto alto de confiança na vida, porque sente o coração a pulsar-lhe ao ritmo sagrado do amor de Cristo encarnado na Igreja, porque tem a mente banhada nas iluminações consoladoras da Fé, robustecida pelas lições severas da História

Entram-nos n'alma alentos novos em clarões de esperança e melhores dias para a religião e para a Pátria, ao contemplar a falange sagrada dos novos, erguendo a fronte iluminada acima da nevoaça dos erros e preconceitos ambientes, marchar, ousadamente, em fileiras cerradas, bandeira alta a drapejar, como se fosse ao som e compasso duma fanfarra anunciadora de vitória, ao assalto heroico dos redutos da multiforme mentira contemporânea.

E' ve-los na galhardia do seu porte, na decisão dos seus gestos, no ardor virginal do seu amor à Verdade, como eles derrubam e despedaçam idolos, como esfarrapam implacáveis as vistosas velharias dos dogmatismos tirânicos, como expõem desassombradamente às vaias demolidoras da critica sã as superstições políticas e filosóficas com a marca de Rousseau e a chancela sangrenta da Revolução.

Deante de tamanha ousadia, de tão invulgar atitude, os idolatras de todos os matizes soltam gritos supersticiosos de horror, e os artri-

tricos do conservantismo tremem nevrálgicamente receiosos de serem trilhados na pacatez beata da sua imobilidade.

Mas, deixemos os mortos conduzir à pompa funebre os seus idolos, envoltos na roupagem desbotada de verbalismos já sem sentido.

O que é certo, o que é incontestável, o que constitui um facto consolador é que uma nova seiva vai ganhando e árvore milenária da Igreja e da Pátria, reverdecendo-as, um sangue mais vivaz sobe e circula neste organismo místico, sangue generoso de sacrificio, sangue germinador de vitória — Espirito de Pentecostes católico, sem dúvida.

E' uma torrente de vida, já agora irrepresável; é à maré que sobe irresistível sob as influências benditas do Alto. E é o espiritualismo que se impõe ao materialismo soez, ao naturalismo deformador dos homens? Com certeza. Mas, o espiritualismo na sua plenitude, integrado na Igreja, sem abstracções vagas, sem romantismos vaporosos, fora e acima da gélida neblina do deísmo incoerente. E' o espiritalismo, em consonância com o composto humano — alma e corpo, — o espiritalismo do Verbo encarnado. Há o culto do Ideal, mas o Ideal realizado e consubstanciado em Jesus Cristo. Aceita-se a religião, mas não a religião simples sentimentalidade, — exigência apenas do coração ou sonho transcendente do espirito, — mas sim a religião integral concretizada na Igreja católica — religião com os temas eternos do dogma, com a regra fixa da moral, — religião dentro da ordem pela hierarquia e pela disciplina, religião desdobrando se em vida divina, no indivíduo e na Sociedade, pela encarnação mística de Cristo em cada um de nós por via dos Sacramentos.

E' esta a feição predominante, o rumo certo da revivescência religiosa e nacionalista que, na hora presente, se observa em Portugal, em conjuncção, de resto, neste ponto, com o movimento intelectual e social que se acentua na Europa ocidental.

Este movimento renovador, este despertar da vida religiosa e social vai numa ascensão constante, ganhando adeptos fervorosos recrutando apóstolos devotados, formando um escol social, consciente e esclarecido, que — varridos os escombros das demolições indispensáveis — já mete valorosamente hombros à reconstrução da Cidade futura. Parecendo uma novidade em face dos ilogismos mentais, produzidos pelos sistemas filosóficos, em face do naturalismo deformador e do idealismo alucinado, é de facto um *regresso ao passado* na filosofia

*pelo tomismo* nas letras pelo misticismo católico, na vida pelo estudo da prática do catolicismo integral.

A lira católica vibra nas alturas, a musa religiosa não se retraiu e emudeceu ante o gorgear do rouxinol romântico.

As paisagens da Pátria, formadas pela história, repovoam-se de seus génios tutelares e os lidimos representantes da alma portuguesa, fundamentalmente cristã, tocados de inspiração superior, soltam de sua garganta no dizer de Platão, «cantos que respiram uma divina fúria» — enquanto Astartea e Eros se contorcem e convulsionam em gestos desordenados de epilepsia.»

### Instituto de António Sardinha

Como os nossos leitores puderam vêr nos jornais, está inaugurado o Instituto de António Sardinha, tendo sido constituída a sua primeira direcção com elementos nacionalistas que são, na sua maior parte, do grupo da «Ordem Nova».

Os fins do novo Instituto podem dizer-se brevemente: pretende-se criar um centro de estudos nacionalistas onde sejam tratados os mais sérios problemas que dizem respeito à renovação da cultura e do espirito nacional; pretende-se mais vulgarisar êsses estudos, fazer obra de propaganda, de modo a engrandecer pela extensão as doutrinas que professamos.

E' o Instituto alheio a correntes politicas. Dentro dêle não se discutem questões dinásticas; nem scisões partidárias: assim, cabem lá todos os nacionalistas, sinceros e inteligentes.

«Ordem Nova» receberá com prazer todas as adesões ao Instituto bem como os alvitres e informações que os seus leitores lhe quizerem enviar.

•

As categorias dos sócios do Instituto são três:

*Sócios honorários* nomeados pela Direcção.

*Sócios beneméritos*, os que contribuírem com a quantia minima anual de 500\$.

*Sócios subscritores*, os que contribuírem com a quantia minima mensal de 2\$50.

A Direcção do Instituto é assim constituída:

Presidente: Domingos de Gusmão Araújo.

Vice-Presidente: Manuel Múrias.

1.º Secretário: Pedro Teotónio Pereira.

2.º Secretário: Marcello Caetano.

Vogais: Francisco Beliz, José Ribeiro da Silva e António Rodrigue Cavalheiro.

A séde provisória é no Largo do Directório 8, 3.º

### Quinze centavos para o Marquês

Para bem assinalar a protecção que o Marquês de Pombal dispensou à instrução primária, resolveu o Govêrno taxar com quinze centavos todas as cartas que durante dez dias circulassem nos correios nacionais, atestando a desgraça dum povo que, infelizmente, sabe escrever...

Quinze centavos. Foi quanto nos custou, por cada missiva, o monumento que se vai erguer ao déspota que ainda teve Portugal. E aquêles dentre nós que mantêm uma larga correspondência podem gabar-se de com o seu dinheiro, têrem dourado as legendas que os vários snrs. Guizados, Fritos, Cozidos e Assados que ornamentam a mêsa do orçamento, foi colocar no pedestal da Estátua: «A reacção deve ser destruída! *Delenda reactio!*»

E' a isto que se chama *Liberdade!* Liberdade de pensamento, de expressão e de acção! Muito satisfeito deve estar o Sr. Proença?

Enfim! Seja a esmolinha dos quinze centavos por amor dos beneficios que o Marquês nos deixou. Enumerá-los seria difícil tarefa de fastidiôso resultado. Basta que recordêmos a grande obra da industrialização dum paiz essencialmente agricola, como o nosso é, o monopólio da magestática companhia do Alto Douro, o aniquilamento da Liberdade de Comércio com o Brasil, a expulsão dos jesuitas por *monarcómacos e républicanos* (não desmaie, Mr. Homais!), a alçada do Porto, o suplicio dos Távoras, o incêndio da Trafaria, o jansenismo, a *Dedução cronológica*, a *tentativa teológica*, o auto de fé do P. Malagrida, e mil e uma calamidades que envenenaram a nossa vida politica, económica e mental da forma que todos nós hoje vêmos. E quanto à reforma da instrução, vamos contribuir para o centenário do Marquês



com a vulgarização desta passagem da notável conferência do Dr. Reynaldo dos Santos sobre o cirurgião António de Almeida:

«Nunca é demais insistir (até que um dia se tire toda a lição que encerram) no fruto dêesses pensionatos que são a glória do reinado de D. Maria I e da regência do D. João VI, e sobretudo dos homens que os inspiraram: Seabra da Silva, Pina Manique, Manuel Constâncio e os Sousa Coutinhos. Não devemos esquecer que é desse notável movimento de renovação do ensino das artes e das sciências que saíram Domingos Sequeira (que foi pensionista em Roma) Vieira Portuense em Itália e Inglaterra) Francisco Queirós (em Londres, com Bartolozzi) e, na medicina, Lopes de Abreu (discipulo de Hunter, Bailley e Cruikshand) Solano Constâncio, Couto, e sobretudo António de Almeida, uns em Edimburgo, outros em Londres, com resultados só por si suficientes para acreditarem as iniciativas em que este periodo, tão caluniado, foi fértil.

«Quando recordamos agora que na mesma época se fundaram a Academia das Sciências (1779) a Real Biblioteca Pública da Corte (1796, hoje Biblioteca Nacional), a Casa Pia do Castelo (1782) uma das glórias de Pina Manique, as Aulas de Desenho e Architectura (1781) a Escola de gravura (1802) com Bartolozzi e Francisco de Queiroz, os gabinetes de física etc, e que a criação da Escola Régia de Cirurgia adiada para mais tarde, fazia já parte dêeste plano de reformas, *somos levados a reconhecer que este conjunto é bem superior à decantada reforma de Pombal, inspirada numa obsessão política e doutrinária, quasi tão facciosa como a do espirito que condenava e ambicionava destronar.*» (LUSITANIA, vol. III, p. 224. O sublinhado é nosso).

Juntem mais êstes centavos para o monumento...

## **Nós e o humanista criticável**

Pelos jornais e principalmente, pelos n.ºs 7 a 10 da «Nação Portuguesa» já os leitores conhecem a sétima maravilha do humanismo crítico, ou seja, a falsificação dos textos de Gonzague Truc feito pelo sr. Sérgio para acusar o nosso querido António Sardinha de ter falseado o pensamento dêesse escritor francês. Sabem tambem os leitores que os colaboradores da «Ordem Nova» à frente dos quais se encontrava o nosso camarada Neves da Costa, uma das mais heroicas figuras da nossa Távola Redonda, protestou enèrgicamente contra o impudôr do

humanísta, que teve cara para se apresentar em público a falar em... educação (!) depois de se têr recusado a justificar o seu procedimento com os textos de Truc, recusa que aliás compreendêmos, visto que a única justificação possível era a cadeia.

O sr. Sérgio continúa dizendo insolências na "Seara Nova" que não nos ferem porque partem dum irresponsável. Assim limitamo-nos a chamar a atenção dos nossos leitores para êste caso de loucura delirante que pede a nossa caridade: o pobre humanísta que nos chama *sáurios* e não sabemos que mais, insinúa num dos últimos números daquêla tão picarêscas "Seara Nova", que a honradez no nosso campo é excepção e que a vilêsa está na lógica das nossas doutrinas! Repetimos que isto seria causa para uma indignação justíssima da nossa generosidade moça, do nosso entusiasmo, do nosso puríssimo idealismo, se a infâmia não partisse dum desgraçado mentecapto cuja salvação está, talvez, numa casa de saúde.

E' triste que o sr. Sérgio seja acômpanhado por pessoas cujo carácter ainda consideramos e que têm mais responsabilidades porque teem mais juizo. E ao sr. Proença, que em S. Carlos nos increpava indignado porque sômos homens de Ordem, respondêmos que a Ordem seria infringida se o acto do sr. Sérgio passasse sem protesto. A desordem não é o ruido das cadeiras e dos gritos: é a anarquía mental em que se vive é, principalmente, a miséria em que se está. Tudo quanto seja reagir contra essa anarquia e contra essa miséria é acto de ordem, ainda que para isso se usem dos meios mais violentos.

De resto... bater com os pés e com as cadeiras será deselegante. Mas que quer, sr. Proença? São péchas que nos ficaram do tempo em que estivemos juntos no Teatro de S. Luís...

---

«Há partidos que morrem ou que morreram de sabedoria e de experiênciam...; mas nenhum há que a seiva môça tenha abafado».—(Max Turman).

«Um ser inactivo é uma quimera e uma actividade que se não desentranha em actos nobres e bemfasejos é um monstro».—*Lacordaire (Ouvr. T. VI, pag. 21)*.

---

# EXPEDIENTE

---

## Condições de assinatura

	6 números	12 números
Continente e Ilhas.....	12\$50	24\$00
Colónias portuguesas.....	—	36\$00
Estrangeiro.....	—	40\$00

Número avulso: 2\$50

Para os assinantes da *Nação Portuguesa* e eclesiásticos, no Continente:

6 números: 10\$00      12 números: 20\$00

As assinaturas não pagas directamente à Administração sofrem um aumento de *um escudo*, para despesas de correio.

---

DEPOSITÁRIA NO PORTO:

**Livraria Eduardo Tavares Martins, Suc., L.<sup>da</sup>**

**Rua dos Clerigos, 12-14**

---

*Toda a correspondência relativa a assuntos de Administração deve ser dirigida para o*

**Largo do Directório, 8, 3.º**

**LISBOA**

